

# IDIOSSINCRASIAS DO SISTEMA VOCÁLICO PORTUGUÊS

Viviane Cunha  
Universidade Federal de Minas Gerais

## Resumo

Trata-se de uma abordagem diacrônica do vocalismo português a partir do latim, tendo como objetivo principal um estudo da variação e da mudança do timbre das vogais médias anteriores e posteriores.

Palavras-chave : Fonologia, vocalismo, latim vulgar, português, mudança lingüística.

Como lembra bem o filólogo francês Darmesteter (1950, p. 6), toda língua está em perpétua evolução, e em qualquer momento de sua existência ela está num estado de equilíbrio mais ou menos durável, entre duas forças opostas: a força conservadora, a mantê-la no seu estado atual e a força revolucionária, a empurrá-la em novas direções. Enquanto havia unidade política do Império Romano, a língua latina estava sob o efeito da força centrípeta, responsável por uma certa unidade lingüística. Com a queda do Império Romano do Ocidente, começou a atuar a força centrífuga e o latim – já bastante variado – entrou num processo de fragmentação acelerada.

No latim vulgar ocorreu um tipo de mudança no âmbito vocálico, que resultou numa redução do sistema das vogais. Esta mudança se deu em consequência do desaparecimento do acento de quantidade (ou das oposições de duração das vogais e das sílabas). Trata-se de um fenômeno românico que, posteriormente, resultou em diferentes processos: ditongação em sílaba travada e livre, ditongação em sílaba livre apenas, e não ditongação ou conservação do timbre do latim vulgar, como ocorreu no português, a única língua românica que não passou pelo processo de ditongação das vogais médias.

A redução do sistema vocálico latino resultou da desfonologização do acento de quantidade. Por volta do século III d.C., o traço distintivo de quan-

tidade das vogais deixou de existir no latim oral. As vogais passaram a ser diferenciadas pela sua intensidade (tônicas e átonas) e pelo timbre (abertas e fechadas). Isto aconteceu, segundo Silva Neto (1986, p. 163), porque o acento de intensidade conduz ao abreviamento, ou até mesmo à queda da vogal átona, ao mesmo tempo que alonga a sílaba em que ele recai.

Como se sabe, no latim não havia palavras oxítonas, embora os romanos da Gália, por exemplo, tivessem o hábito de oxitonizá-las. Nas palavras dissílabas, o acento recaía na penúltima sílaba como em *legis, domus, pater*. Nas palavras de três ou mais sílabas a posição do acento dependia da quantidade da penúltima sílaba. Se ela era longa, recebia o acento e a palavra era paroxítona, conforme *fidelis, amator*. Se era breve, o acento recuava para a antepenúltima, conforme *facilis, femina, viridis, impetus*. Desaparecendo o acento de quantidade e reforçando-se o de intensidade, a vogal tônica, e portanto a sílaba em que ela se encontrava, tornara-se a “alma da palavra”, o que significa que dela dependia o destino das sílabas átonas, que podiam ser pretônicas e postônicas. É preciso observar também que as vogais breves tinham um timbre mais aberto que as longas correspondentes. Assim, *e* e *o* breves soavam com timbre aberto, enquanto *e* e *o* longos soavam com timbre fechado. Numa vogal extrema como o *i* breve, a duração coincidia com a abertura do timbre, o que a aproximava do *ê*. O mesmo acontecia com *u* breve que se aproximava de *ô*.

A explicação de Canello, citada por Silva Neto no seu *Manual de Gramática Histórica Portuguesa* (ed. 1942, p. 52) é a de que “em determinada época as vogais breves que valiam um tempo, alongaram-se, e as longas que valiam dois tempos abreviaram-se. Dessa maneira igualaram-se num grau intermediário valendo todas um e meio tempos”. Isso realmente explica a neutralização da diferença de duração, mas não explica o problema do timbre.

A questão da desfonologização do acento de quantidade e, em consequência, fonologização do acento de intensidade, está relacionada a fatores de ordem sociolingüística, bem como à história externa do latim, ou seja, à romanização. O Império Romano era constituído de povos os mais diversos, havia, portanto nesse domínio uma variedade lingüística bastante significativa. Dentro da Península Itálica, mais dois idiomas do ramo itálico eram falados, além do latim: o osco e o umbro, e suas variantes dialetais. Havia, também, outras línguas, pertencentes aos demais ramos do indo-europeu, como o grego, ao sul, e o celta, ao norte da Península, e até mesmo, uma língua não indo-européia: o etrusco. Dentro desse quadro de diversificação lingüística, o latim foi se expandindo e se impondo como a língua comum da Península Itálica, e, depois, de todas as regiões que vieram a formar a România. Era natural, portanto, que os povos

romanizados não tivessem um fino sentimento da língua latina, como um nativo da região do Lácio, e não pudessem perceber uma diferença tão sutil como a oposição entre as vogais longas e breves, tratando isso como irrelevante. O resultado, como vimos, foi o desaparecimento do traço supra-segmental de quantidade do latim.

Considerados esses fatores à luz da sociolingüística, pode-se dizer que havia uma situação de poliglossia na área geográfica conquistada pelo Império Romano, que mais tarde se chamou România. Em que consistia essa situação? De um lado, havia uma população de falantes do latim pertencentes às diferentes classes sociais e com diferentes graus de escolaridade. De outro, havia falantes provenientes de regiões diversas, na maioria das vezes aloglotas, que adotaram o latim como segunda língua. A isso, acrescentem-se as diferenças diacrônicas do latim, tanto internas quanto externas, ou seja, não só do ponto de vista da evolução do próprio latim, como também das suas diferentes fases de implantação. Essa série de variações lingüísticas, às quais se poderia ainda acrescentar outra – a variação estilística – fez com que várias normas lingüísticas coexistissem lado a lado e se influenciassem mutuamente, com uma delas porém, a norma culta do latim de Roma, exercendo uma certa hegemonia sobre as outras.

Levando em conta o critério de distinção entre língua escrita e língua oral, os autores estabelecem a conhecida dicotomia latim clássico/latim vulgar, referindo-se àquela variedade de normas, o que é uma nomenclatura um pouco simplista, uma vez que não abrange todas as normas, embora não deixe de ser didática. Admitida essa distinção, justamente pelo seu caráter prático, o que se tem é uma situação de diglossia, isto é, dois dialetos coexistindo, um culto (mais ou menos homogêneo) e outro popular (bastante heterogêneo), exercendo o primeiro (pelo menos como ideal) hegemonia sobre o segundo.

Além das variantes sociolingüísticas, leve-se em conta o fato de a maioria aloglota ter predominado, em número e variedade, sobre o falante nativo latino, o que deve ter apressado a deriva natural do latim vulgar.

Verificada, pois, a maneira pela qual houve uma predominância do acento de intensidade sobre o de quantidade no latim vulgar, isto é, tendo considerado o fenômeno de uma perspectiva intrinsecamente lingüística, e verificado as causas extrínsecas, passaremos a analisar o resultado de tudo isso na fase românica.

Comparemos o sistema vocálico do latim clássico com o do latim vulgar e o do português, para exemplificar melhor o fenômeno da redução das dez vogais tônicas a sete, resultantes da perda da quantidade em favor de um reforço da intensidade, no latim vulgar, o qual o português herdou. Observemos as vogais tônicas nos seguintes exemplos:

<b>Latim clássico</b>	<b>Latim vulgar</b>	<b>Português</b>
<i>acquam</i> (breve)	<b>acqua-</b>	<b>água</b>
<i>pacem</i> (longo)	<b>pace-</b>	<b>paz</b>
<i>nebulam</i> (breve)	<b>nebula-</b>	<b>nevoa</b>
<i>secretum</i> (longo)	<b>secretu-</b>	<b>segredo</b>
<i>ciram</i> (breve)	<b>cera-</b>	<b>cera</b>
<i>rivum</i> (longo)	<b>rivu-</b>	<b>rio</b>
<i>rotam</i> (breve)	<b>rota-</b>	<b>roda</b>
<i>saporem</i> (longo)	<b>sapore-</b>	<b>sabor</b>
<i>gurdum</i> (breve)	<b>gordu-</b>	<b>gordo</b>
<i>securum</i> (longo)	<b>securu-</b>	<b>seguro</b>

Em relação ao latim clássico, o latim vulgar apresenta a mudança das vogais breves *u* e *i* para *ô* e *ê* respectivamente, podendo-se observar aí uma alteração do tipo de vogal: /u/ e /i/ (vogais altas) que se transformam em /o/ e /e/ (vogais médias).

Vejam os exemplos do português que registrem essa mudança em sílaba livre (em latim clássico sílaba e vogal breves):

<b>Latim Vulgar</b>	<b>Português</b>
auguriu-	agoiro /agouro (com metátese)
cubitu-	côvedo/côvado
cuphia-	coifa (com metátese)
cupiditia-	cobiça
lucru-	logro
lupu-	lobo
lutu-	lodo
putre-	podre
sal muria	salmoira /salmoura (com metátese)
scupa-	escova
superbia-	soberba
umeru-	ombro
utre-	odre
veruc(u)lu-	ferrolho

Observemos a mesma mudança (**u** > /o/) em sílaba travada (em latim clássico sílaba longa, porém vogal breve: **u**):

<b>Latim Vulgar</b>	<b>Português</b>
autumnu -	outono
bucca -	boca
*cepulla - (por caepulla)	cebola
cursu -	curso
crusta -	crosta
dulce -	doce
fundu -	fondo (arc.)
gurdu -	gordo
gustu -	gosto
gutta -	gota
insulsu -	insosso
lumbu -	lombo
*puppa - (por puppe)	popa
punctu -	ponto
rotundu -	redondo
ruptu -	roto
russeu -	roixo (com metátese) > roxo
stuppa -	estopa
sub	sob
suppa -	sopa
turdu -	tordo
turpe -	torpe
turre -	torre
truncu -	tronco
ulmu -	olmo
unda -	onda
unde	onde
verecundia -	vergonha

Exemplos podem ainda ser encontrados em verbos como: *currere* > *correr*, *subterrare* > *soterrar*, *superare* > *sobrar*, etc. nas suas formas átonas.

Sintetizando o que foi apresentado acima, podemos dizer que:

a) o português herdou do sistema fonológico do latim vulgar as sete vogais orais tônicas;

b) o *u* breve do latim clássico evoluiu para *ô* no latim vulgar, o qual o português herdou, e este timbre se manteve estável. Não houve ditongação como ocorreu em certas regiões da România, nem foi a mudança no português relacionada com a questão do travamento. Também a metátese não influenciou na regularidade da mudança;

c) não ocorreu a metafoia mesmo quando se trata de /a/ átono final, como por exemplo em: boca, estopa, gota, sopa, etc.

Podemos constatar também que no plural dos nomes portugueses, /o/ tônico permanece com o mesmo timbre fechado do singular, conforme mostram os exemplos: agoiros (agouros), bocas, cebolas, coifas, corsos, côvedos (côvados), crostas, doces, insossos, escovas, estopas, ferrolhos, gordos, gostos, gotas, lobos, lodos, logros, lombos, odres, olmos, ombros, ondas, outonos, podres, pontos, popas, redondos, roixos (roxos), rotos, salmoiras (salmouras), sopas, tordos, torpes, torres, troncos, vergonhas. Ressalte-se, porém, que existe uma certa variação no timbre das vogais médias tônicas posteriores, tanto na forma de singular como na forma de plural, em exemplos como: crosta(s); ferrolho(s); torpe(s) possivelmente influenciada pelo /r/, que como se sabe, atua na abertura do timbre de vogais.

Em razão dos fenômenos acima assinalados podemos formular uma regra geral de que **as palavras que possuem /o/ tônico proveniente de *u* breve latino não sofrem metafoia no português**. Nossa hipótese é de que – uma vez ocorrida a mudança vocálica no latim vulgar – esta permaneceria estável no português, já que a mudança lingüística, em geral, é lenta e gradual. Segundo Saussure, são necessários três séculos para que uma mudança lingüística se conclua. Menéndez Pidal, na sua obra *El Español en sus primeros tiempos* (ed. 1979), estudando documentos hispânicos datados desde a época do romance, constata que são necessários mais de cinco séculos entre o ponto de partida e a fase de conclusão da mudança. Acrescenta ainda esse autor, que a mudança lingüística não segue uma direção linear horizontal, mas sinuosa, onde uma série de fatores extralingüísticos podem interferir, modificando, muitas vezes, o curso de uma deriva imanente.

As exceções do tipo *cuppa* > *copa*; *nura* > *nora* e *furnu* > *forno*, *puteu* > *poço*, mas plural *fornos* e *poços* podem ter outras explicações.

Carolina Michäelis de Vasconcelos, no seu artigo “A metafonía na língua portuguesa”, acha que em **copa** teria atuado a analogia com ova, porta, troca, que possuíam timbre aberto etimológico, uma vez que o timbre deveria ser fechado: *cuppa* > \**côpa*. Essa hipótese, entretanto, parece pouco provável. Há uma série de exemplos em que não foi aplicada a analogia, o que contraria a hipótese da autora, como se pode verificar em: boca, estopa, gota, loba, sopa, etc.

Para Silva Neto (1986), a abertura do timbre em /**cópa**/ está condicionada fonologicamente ao fonema próximo /p/. Porém, tal explicação não parece satisfatória, já que encontramos uma série de exemplos que contradizem a hipótese do autor como: *puppa* > *popa*, *scupa* > *escova*, *stuppa* > *estopa*, *suppa* > *sopa*, etc., onde o timbre da vogal tônica permanece fechado, apesar do /a/ final.

É conhecida a afirmação de Gilliéron, que, por sua vez, cita Schuchardt, de que “cada palavra tem sua própria história”. Este pode ser o caso da palavra **copa** em português. José Pedro Machado, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (ed. 1987), afirma que os latinos confundiam **cuppa** ‘taça’ e **cupa** ‘tonel’. Segundo o autor, o *Corpus Glossariorum Latinorum* cita a forma **côpa** como correspondente da taça de vinho (“**copa** vas uinarium”...). Ora, se a forma do latim vulgar para designar a taça de vinho era **côpa** (que posteriormente passou a denominar o lugar onde esta era lavada, e também a copa-troféu), isto prova que a palavra portuguesa **copa** é forma metafônica. Sendo *o* tônico proveniente de *u* breve (**cuppa**), a palavra **copa** no latim vulgar deveria ter timbre fechado na vogal tônica, do que se pode concluir que a abertura do timbre ocorreu na fase portuguesa. Esta é uma evidência de que a metafonía é de âmbito vernáculo.

O caso da alternância, no português, de *forno* (sing.) e *fornos* (pl.) é ainda mais complexo. Segundo Rohlfs (1979, p. 139), as formas *forvus* e *furnus* coexistiam no latim, a primeira mais antiga, a segunda mais moderna, tendo ambas passado à tradição românica. Partindo-se do acusativo do latim vulgar **furnu-**, chega-se à maioria das formas românicas: português **forno**, italiano **forno**, espanhol **horno**, provençal **forn**, catalão **forn**, francês **four**. No sardo, onde *u* breve permanece *u*, era de se esperar **furru**, e é o que acontece nos dialetos setentrionais. No entanto, aparece ao Sul da Sardenha /**fôrru**/, forma metafonizada proveniente de /**fórnus**/. Essa última é uma forma do latim arcaico, e está documentada em Varrão e Plauto, segundo Rohlfs. De acordo com esse romanista, a metafonía ocorreu também, numa pequena zona da Itália, entre a fronteira da Calábria com a Lucânia, onde se constatam as seguintes formas: **fornu** (Maratea), **fuèrnu** (S.Chírico Raparo), **fuornu** (Ajeta e Tortora), **forn** (Vale do Sinni).

Para os latinistas, não está claro como **furnus** acabou predominando no latim, e a opinião deles é de que esta seria uma forma dialetal rústica (apud Rohlfs, p. 140), portanto, um empréstimo interno.

O caso do português *nora* parece ser mais simples. A forma do latim vulgar, como se sabe, é *nura*, documentada no *Appendix Probi*, correção nº 169 “*nurus non nura*”. Se a forma portuguesa fosse proveniente de *nura*, seria com timbre fechado /*nôra*/, de acordo com a mudança u breve > /o/, conforme foi visto acima. Alguns autores propõem *nura* como étimo do português, e /*nóra*/ seria forma metafônica. Mas aqui ocorre a mesma pergunta: por que não houve metafonia naquelas palavras citadas acima, que terminam em /a/ como boca, loba, etc.? Para Rohlfs, o étimo românico é /*nóra*/, cuja forma vocálica se deve ao influxo de *soror* e *socrus* (latim vulgar *socra*). Assim, *nora*, forma portuguesa, não teria vindo diretamente do latim vulgar *nura*, mas de /*nôra*/, forma análoga do próprio latim.

Em *puteu* > poço, mas plural *poços*, Joseph M. Piel, no artigo “Considerações sobre a metafonia portuguesa”, afirma que “a ação da analogia destruiu o primitivo aspecto histórico”, hipótese que parece convincente e que tem paralelo em *nora*. Pensamos, entretanto, que a forma do plural /*póços*/ é tipicamente vernácula, isto é, a analogia teria ocorrido de acordo com formas que possuíam timbre aberto etimológico, como *ossos*, ou que sofreram metafonia no feminino, como *poça*.

Dentro do mesmo paradigma da vogal alta posterior, temos a evolução da vogal alta anterior. Exemplifiquemos, confrontando o latim vulgar com o português, observando o processo em sílaba livre (em latim clássico sílaba e vogal breves:

<b>Latim Vulgar</b>	<b>Português</b>
apic(u)la-	abelha
capitia-	cabeça
cira-	cera
cítu-	cedo
ovic(u)la-	ovelha
pilu-	pelo
píra-	pera
sita-	seda
siti- (site-)	sede
viride-	verde

Consideremos agora o processo em sílaba travada (em latim clássico sílaba longa, porém vogal breve):

Latim Vulgar	Português
capillu-	cabelo
cippu-	cepo
circa-	cerca
circu-	cercos
cista-	cesta
ligna-	lenha
littera-	letra
pinna-	pena
siccu-	seco
spissu-	espesso

Pode-se verificar aí a evolução do latim vulgar: *i* breve > /e/, e, uma vez tendo esta ocorrido, o timbre fechado da vogal média se mantém em português, mesmo no caso de a vogal final ser /a/. José Inês Louro, no seu artigo “Metafonia de E tônico em português” afirma que o *a* final, “por ser relativamente fechado ou surdo” (p. 111) carece de força para provocar a metafonia. Discordamos dessa hipótese pela seguinte razão: como poderia não ser suficientemente forte o *a*, para desempenhar um papel metafônico nos casos acima – e em outros exemplos que o autor cita, do tipo: *boca, escova, loba*, etc. – e, por outro lado, tão eficaz, no caso da metafonia portuguesa? Parece-nos que o paralelismo de /e/ com /o/, provenientes de um *i* breve e de um *u* breve, respectivamente, serve para corroborar a tese já levantada, de que a mudança vocálica, que ocorreu no latim vulgar, manteve-se posteriormente estável, no português.

Exceções do tipo *nive-* e *fide-*, mas português *neve* e *fé*, são também explicáveis. Segundo A.G. Cunha no seu *Dic. Etim. N. F. da Língua Portuguesa* (ed. 1986), a forma portuguesa *neve* é proveniente de *neve(m)* do latim vulgar. Assim sendo, a palavra *neve* não teria sofrido metafonia, já que o *e* final não atua nunca na metafonia portuguesa. Esse papel só é reservado às vogais extremas /a/, /i/, /u/, como sabemos. Parece pouco provável a atuação da analogia com outras palavras que possuam *e* aberto. Nossa hipótese é de que, da mesma maneira que se tem *furnu(m)* e *fornu(m)* coexistindo no latim, é possível que também

*nêve(m)* e *néve(m)* sejam formas coexistentes, e o português tenha herdado essa última. Assim sendo, *neve* apenas teria conservado o timbre etimológico.

Em *fê*, a nossa opinião é de que houve a evolução normal: *fide-* > *\*fede* > *fee*. Quando ocorreu a crase, houve a abertura do timbre *fee* > *fê*, fato comprovado em outros vocábulos.

Aqui, também, pode-se formular a seguinte regra diacrônica: **as palavras portuguesas que possuem *e* tônico fechado, proveniente de *i* breve latino, não sofrem metafoia, mesmo quando terminam em /a/.**

## Conclusão

Do que analisamos, podemos concluir que o português mantém o seu sistema vocálico bem próximo daquele de suas origens, tendo em vista a conservação das sete vogais orais do latim vulgar e a não ditongação das vogais médias anteriores e posteriores – fenômeno que ocorreu em toda a România – o que enfatiza, por um lado, o seu caráter conservador. Ressalte-se, porém, que o português é a única língua românica nacional a sofrer a ação da metafoia nas suas vogais médias anteriores e posteriores (herdadas como tais do latim: /ô/ > /ó/, /ê/ > /é/), fenômeno que não ocorreu com as vogais médias resultantes de *i* breve > /ê/ e *u* breve > /ô/.

## Résumé

Il s'agit de présenter une étude diachronique du vocalisme portugais à partir du latin, l'objectif principal étant d'étudier la variation et le changement du timbre des voyelles moyennes antérieures et postérieures.

Mots-clés: Phonologie, vocalisme, latin vulgaire, portugais, changement linguistique.

## Referências Bibliográficas

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DARMESTER, Arsène. *La vie des mots*. Paris: Delagrave, 1950.

- JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1986.
- LOURO, José Inês. “Metafonia de E tônico em português”. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 20: 105-113, 1961.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. (5 vol.)
- MENÉNDEZ PIDAL, J.R. *El idioma español en sus primeros tiempos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1979.
- PIEL, Joseph M. “Considerações sobre a metafonia portuguesa”. *Biblos*, Coimbra, XVIII, T.II: 365-371, 1942.
- ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Trad. port: *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Manual de gramática histórica portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.
- VASCONCELOS, Carolina M. de. A metafonia na língua portuguesa. *Revista Lusitana*, 28: 16-20, 1930.